

O emblema do claustro

Josimey Costa da Silva

O monastério estava encravado bem no centro da cidade e desafiava, com seus muros atemporais, a paisagem feita de vidro, cimento e aço. Árvores de copas densas eram a cortina externa de janelas que nada revelavam. O mutismo da construção gritava em meio à babel das mensagens do trânsito e do consumo urbano que, nem por isso, arrefecia o seu existir frenético.

Por trás dos muros eternamente impassíveis, todas as paredes eram altas, quase infinitas. Nasciam do chão a meio tom até mergulharem num teto apenas adivinhado. As portas, estreitas, tinham um cinza sujo revestindo a madeira antiga e estavam sempre fechadas. Apenas se abriam, rangentes, para dar rápida passagem a hábitos que vestiam monges. E novamente se fechavam.

Esse era um mundo feito de silêncio em votos e movimentos desacelerados a partir da intenção. Os monges, ocultos em marrom, tinham a cabeça baixa de quem olha sempre para dentro. As cores escuras dos panos em dobras compunham mistérios a serem desvendados. O deslizar silencioso de pés contidos formavam a única linguagem sonora articulada em murmúrios cifrados que ninguém, ali, parecia ter interesse em decifrar.

Mas ela desafiava o convento.

A face imóvel pretendia disfarçar qualquer traço de movimento interior. A postura contemplativa sugeria aglutinação. Os olhos postos além de qualquer ponto identificável poderiam ser o véu estático de uma paz a que nada perturbava. Era assim que elas a viam, assim que a respeitavam e admitiam naquele mundo de homens/eunucos. Não era uma mulher. Era um símbolo imutável num plano sem referenciais, uma forma que cada um preenchia com seus próprios sonhos e fantasmas.

Para eles, sobre ela, o que não podia ser visto sequer era adivinhado. Eles não sabiam que, em essência, ela era feita de uma outra matéria. Em seu cerne, guardava forças capazes de destruir a forma e ser puro conteúdo. O conteúdo que eles preferiam esquecer.

Um noite bastou para que as forças ocultas na aparência mal percebida fossem desencadeadas. Naquela e em muitas noites iguais, ela repousou sobre o pedestal recém-chegado, ordinário e mal conservado. O rosto não traduzia a mudança que começava. A forma estava sendo cada vez mais corroída a partir de dentro. Houve um momento em que um simples toque poderia desencadear a descoberta e, embora fossem muitas as reverências, eram mais numerosos os silêncios, e esse toque nunca aconteceu.

Quando, um dia, procuraram por ela, foi em vão. No lugar antes ocupado por sua forma há muito vazia, havia apenas poeira, que o vento liberado pela porta aberta espalhou pelos móveis, pelos parapeitos das janelas, pelas frestas das persianas, pelas árvores, pela cidade. Desfeita por inteiro, ela volveu ao pó sobre a argila que deveria ter sido o seu princípio. Dela, restou somente o pedestal, que emerge ainda entre flores velhas e a cera das velas há muito derretidas.

O desaparecimento dela causou uma perplexidade estéril e ligeira. Outras, para eles, sempre a mesma, povoam agora aquele lugar de duvidosos privilégios. As formas parecem imunes às mudanças indesejadas porque mudam interminavelmente. Só

que os interiores permanecem invisíveis e imperscrutados. Isso, sem que eles suspeitem, faz das suas reverências apêndices de um olhar um tanto oblíquo.

Os hábitos, no entanto, continuam a vestir os monges.